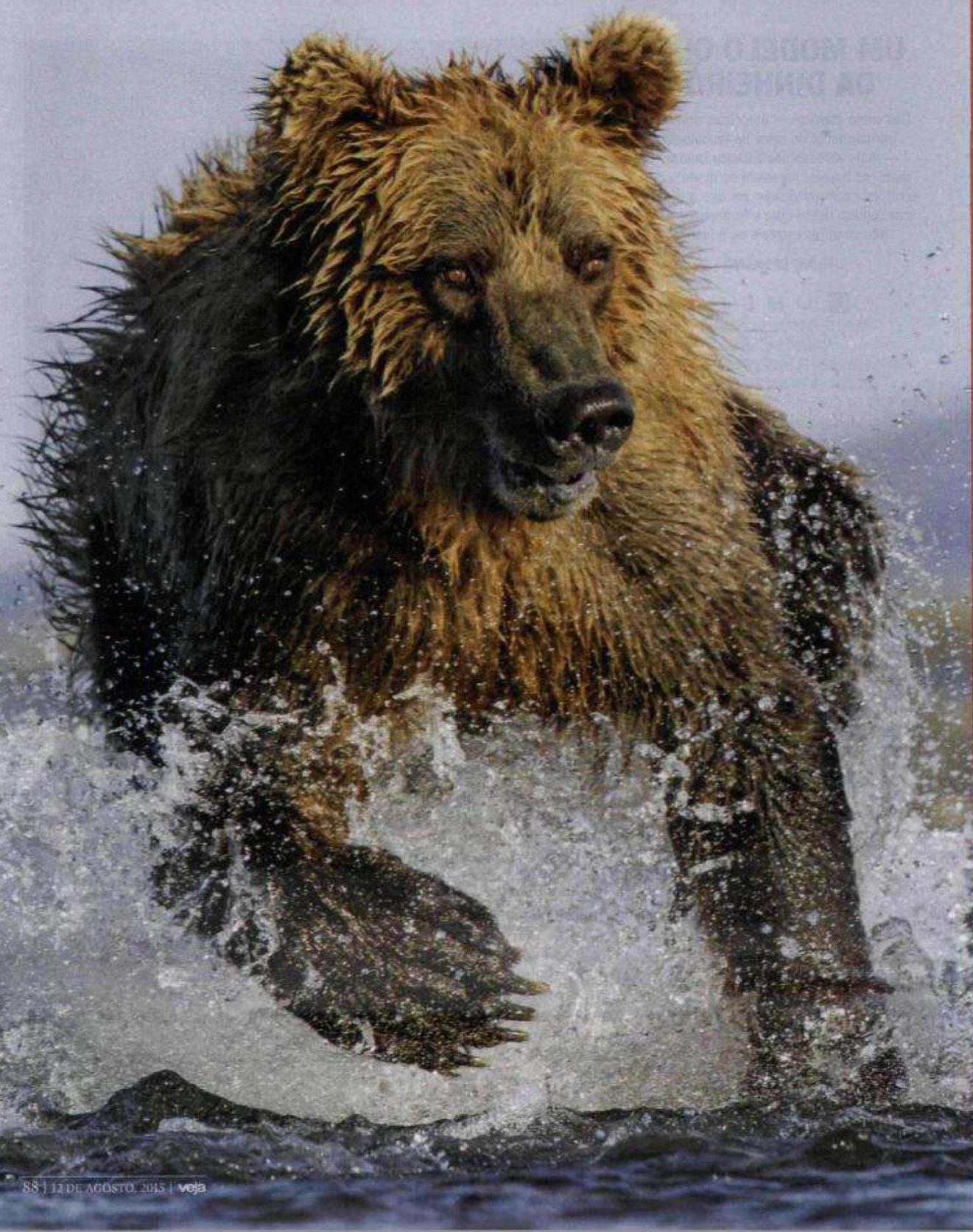


Artes & Espetáculos



Espírito animal

Há quase seis décadas a rede inglesa BBC é referência mundial nos programas sobre a natureza. A chave de seu êxito: entreter sem abdicar do rigor científico e da inovação

MARCELO MARTHE, DE BRISTOL

Em uma sala da Unidade de História Natural da BBC, na cidade inglesa de Bristol, o produtor com jeito de nerd exibe seu novo campo de batalha intelectual. No quadro coberto de rabiscos sobre várias espécies, de pinguins a chimpanzés, uma anotação surge em realce: “*Dynasty = Game of Thrones animal*”. Com lançamento provável em 2018, *Dynasty* (Dinastia) vem a ser a próxima superprodução sobre bichos de um dos maiores especialistas mundiais na matéria. Já a menção à série de fantasia da HBO entrega aquilo que o produtor Mike Gunton quer oferecer no futuro programa. “Vamos seguir os passos de diversos clãs animais para mostrar que a luta pelo poder na natureza tem lances tão espetaculares quanto os que se veem na ficção”, diz Gunton. A cena flagrada por VEJA na maior central de produção de documentários sobre natureza do planeta diz mais do que se suspeitaria sobre o gênero. Ao longo de quase sessenta anos, tais programas evoluíram dos monótonos registros em preto e branco de leões na savana a uma profusão de subgêneros que vai dos reality shows a produções com padrão hollywoodiano. A concorrência tornou-se feroz: desde a tradicional sociedade americana National Geographic até canais como o Discovery e seu derivado Animal Planet, passando pela Disney, inúmeras potências disputam hoje um naco do segmento lucrativo. O serviço de vídeos on demand Netflix já anunciou que nos próximos anos vai entrar no jogo. Mas é a BBC que continua ditando o padrão-ouro de inovação e credibilidade na seara. Os brasileiros ganharão um apanhado de suas 150 horas de produção anual sobre o tema com a chegada do canal BBC Earth a várias operadoras a partir de 1º de setembro. Para além da quantidade, os documentaristas da BBC revelam-se imbatíveis na alquimia complexa de fazer da observação dos bichos uma fonte de entretenimento.

Uma grande produção da rede inglesa, como *Planeta Terra* (2006), chega a atrair audiência global na casa dos 500 milhões de pessoas. No Brasil, um estudo da própria BBC mostra que 55% dos espectadores entre 16 e 65 anos veem com frequência atrações do gênero. Mas, ao mesmo tempo em que a empatia atávica dos humanos pelos bichos é um chamariz irresistível, a exploração continuada do tema amplia os desafios para cativar o público. É raríssimo aparecer uma nova espécie para mostrar no ar. “Quando aparecem, são no máximo insetos e outros bi-

CAÇA AO TESOURO Um urso à procura da próxima vítima em *The Hunt*: o duro desafio da sobrevivência em um mercado com predadores de peso

Televisão



ENCANTOS NATURAIS *Duas cenas espetaculares da nova série Life Story: os filhotes de tigre em seu violento, mas incrivelmente coreográfico, processo de aprendizado na Índia (acima) e um lobo-marinho em posição de combate na temporada de acasalamento da espécie na Antártica (abaixo)*

chinhos nada carismáticos”, diz Wendy Darke, chefe da unidade de documentários naturais da BBC. Os produtores têm de arrancar leite de pedra, pois os enredos não são numerosos: feras saindo à caça, aves em busca de filhotes desgarrados, e por aí afora.

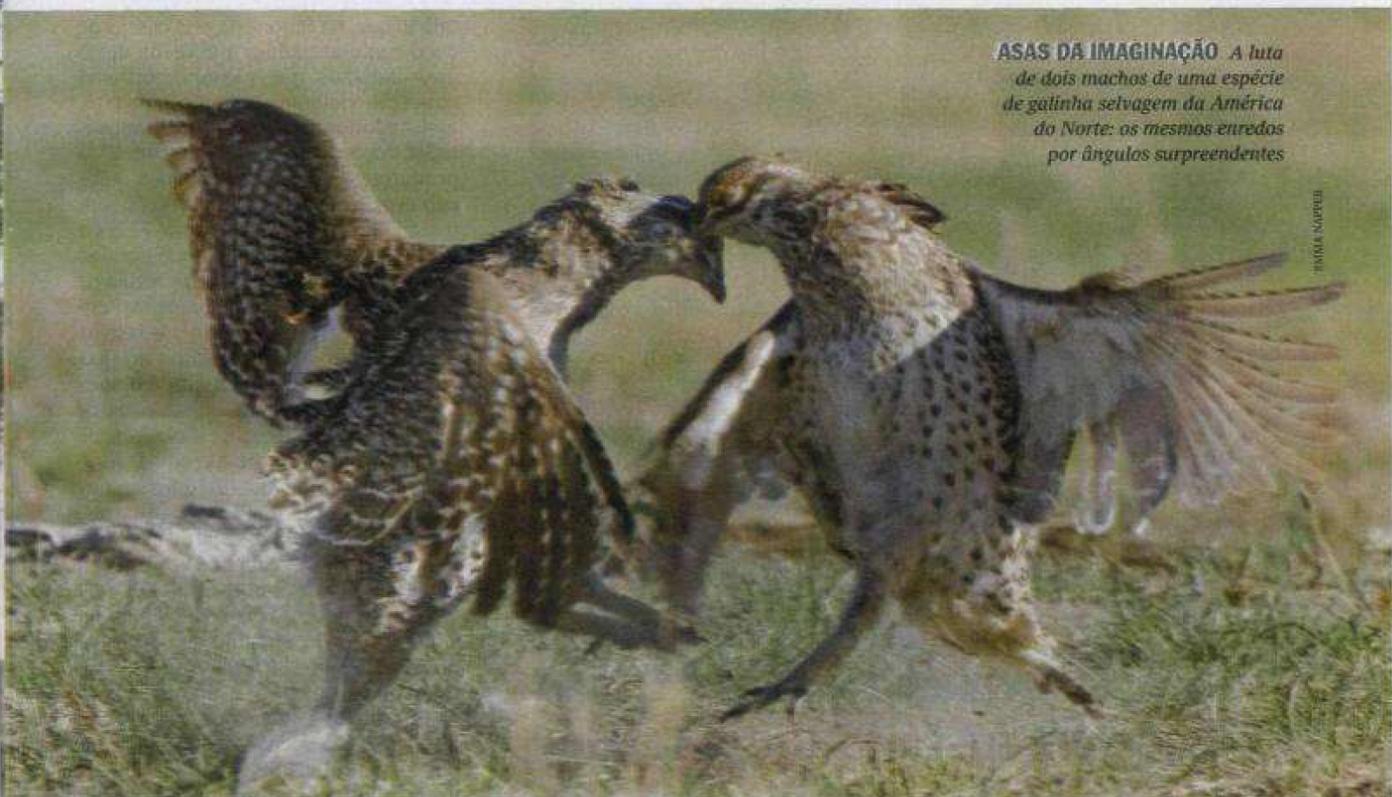
Some-se a isso uma injunção dos tempos atuais: para atrair a juventude ligada nos videogames e reality shows, muitos canais não resistem à tentação de abusar dos expedientes heterodoxos. Um certo naturalismo radical que preconiza a aproximação perigosa com bichos selvagens entrou em baixa depois que o apresentador australiano Steve Irwin, do programa *O Caçador de Crocodilos*, levou uma ferroadada fatal de uma arraia, em 2006 (veja o quadro na pág. 91). Mas empreitadas duvidosas ainda vicejam. Meses atrás, o Discovery americano exibiu *Eaten Alive*, documentário em que o apresentador Paul Rosolie, metido em uma roupa especial, se propunha a ser devorado por uma sucuri. A acusação de maus-tratos ao réptil, assim como a enganação contida no título (Rosolie era apenas atacado pela cobra), cau-



THOMAS WEINER

ASAS DA IMAGINAÇÃO A luta de dois machos de uma espécie de galinha selvagem da América do Norte: os mesmos enredos por ângulos surpreendentes

THOMAS SARTORI



Caçadores que viraram caça



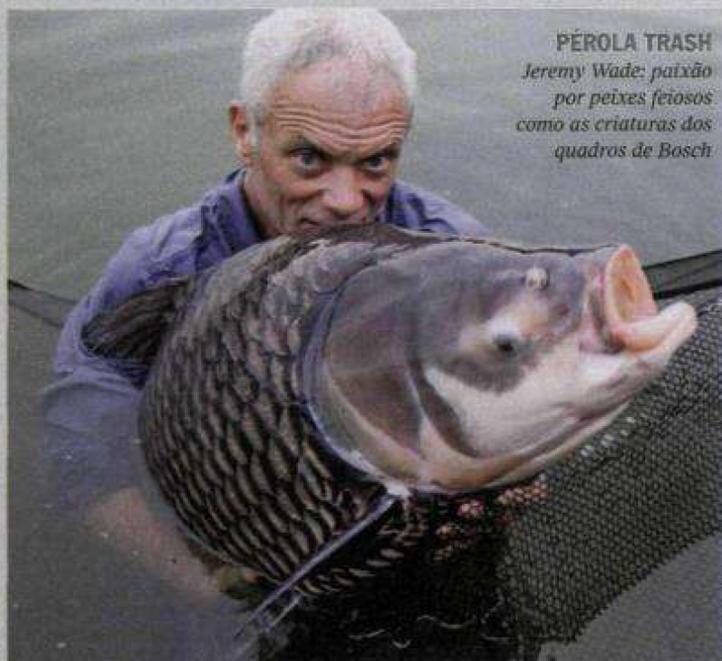
WICHA/STUDIOCANAL/P. JANEY

SELVA INDOMADA Irwin: o naturalista como esportista radical

Os profissionais que fazem programas sobre a natureza precisam seguir certos parâmetros: devem ter conhecimento profundo sobre os animais e avaliar até que ponto podem se aproximar deles. “Respeito é essencial”, diz o naturalista Huw Cordey. Infringir essa norma do bom-senso resulta em reveses trágicos. O americano Timothy Treadwell, documentarista dileitante, passou vários verões junto aos ursos-pardos no Alasca, até o dia em que a natureza pôs abaixo, com fúria, sua ilusão de que seria quase um semelhante deles: em 2003, Treadwell e a namorada foram devorados por um urso. A morte do australiano Steve Irwin, três anos depois, dinamitou a ideia muito em voga em programas da época de que o naturalista seria um esportista radical. Ao chegar perto de uma arraia, ele levou uma ferroadada no coração. O naturalista deve amar animais — mas não pode esperar que eles o amem.

sou estrago à imagem do Discovery. “Jamais faríamos algo assim. Não queremos acabar nos tabloides”, diz Wendy Darke. O Animal Planet também ultrapassou a fronteira que separa entretenimento de empulhação ao dar a entender, em um programa de “história natural”, que sereias existem.

Uma das armas da rede inglesa para permanecer popular sem pisar em terreno pantanoso é dar cara nova ao básico com o auxílio da tecnologia. Para captar a vida dos bichos por ângulos originais, incorporam-se equipamentos de vigilância militar e outros ainda mal testados por Hollywood. O marco foi *Planeta Terra*, que usou câmeras que permitiam flagrar com resolução espantosa animais a grandes distâncias. Pois agora *Life Story*, a principal atração da estreia do BBC Earth no Brasil, prova que as coisas evoluíram de uma década para cá. “Hoje podemos captar os animais cada vez mais de perto”, diz Gunton. Os bichos que estrelam *Life Story* — do polvo esper-



PÉROLA TRASH
Jeremy Wade: paixão por peixes feios como as criaturas dos quadros de Bosch

LEONIE RIVARIE

E lá vem história de pescador

Anos atrás, ao tentar domar no muque um rebelde pirarucu, peixe de grandes dimensões da Amazônia, o inglês Jeremy Wade levou uma cabeçada no meio do peito. "Na hora, achei que iria morrer do coração. Foram seis semanas de dores lancinantes", diz ele. A má recordação do acidente ocorrido durante uma visita à brasileira Manaus não diminuiu o amor do pescador e zoólogo solteirão, de 59 anos, por bichos que lembram as criaturas pavorosas dos quadros do pintor flamengo Hieronymus Bosch (1450-1516). No programa **Monstros do Rio**, Wade roda o mundo à caça de espécies raras e arreadias que habitam as profundezas das águas doces. Invariavelmente, com perdão aos apreciadores do pirarucu, trata-se de uns bichos muito, muito feios. Na sétima temporada da atração, que estreou no Discovery nacional na semana passada, Wade volta ao Brasil para investigar o mistério da suposta interferência de um desses seres estra-

nhos no naufrágio de um grande barco no Rio Amazonas.

Com trilha sonora meio tétrica e narração carregada de drama, *Monstros do Rio* tornou-se uma pérola trash muito cultuada na grade da TV paga. A cada episódio, o apresentador conduz uma investigação detetivesca a partir de uma lenda de pescador. No programa, ele muitas vezes passa horas ou até dias com a vara de pescar na mão, esperando que seu objeto de estudo morda a isca. Depois de pegá-lo, Wade posa com o troféu para a câmera e solta o peixe na água de novo. "As pessoas gostam de ver na TV coisas que parecem pengosas. Mas tudo o que faço é com risco controlado", diz. Na verdade, a pergunta que fica é outra: seriam aqueles monstros tão assustadores assim? Com a palavra, o especialista: "Acredito que todo pescador tenha a tendência de exagerar um pouco".

talhão que, na Indonésia, usa cascas de coco como armadura à ninhada de tigras indianos que passam por uma educação violenta — parecem, de fato, assustadoramente próximos do espectador. Na busca pela imagem única, os produtores podem usar drones, helicópteros e até uma microcâmera com o tamanho de um comprimido — eis a forma como o naturalista que conduz outra série da BBC, *Infested!*, revela os estragos causados por parasitas em seu próprio organismo. Um dos lastros para não perder a compostura ao fletar com ideias bizarras assim é o contato estreito com a comunidade científica. "Todas as informações são checadas por especialistas", diz Wendy Darke. "É um mundo pequeno. Todos se conhecem." Como muitos produtores, Wendy tem formação científica: é zoologista com Ph.D. em corais. A relação entre a BBC e os estudiosos é simbiótica. Eles fornecem seus conhecimentos e, em troca, veem aquilo que às vezes foi fruto de anos de trabalho ser registrado pela primeira vez em imagens.

A unidade comandada por Wendy está sediada desde 1957 em Bristol — o que fez da cidade de 440 000 habitantes no sudoeste da Inglaterra um polo mundial dos programas sobre bichos. O mercado de produtoras-satélite da BBC também é concorrido. Na mesma Bristol está situada a companhia que produz o insólito *Monstros do Rio*, sucesso do rival Discovery (veja o quadro à esquerda). Lá também fica a Silverback, produtora de Alastair Fothergill, criador de *Planeta Terra*, que é responsável tanto pela primeira investida do Netflix no setor, *Our Planet*, quanto pelo próximo grande lançamento da BBC, a série *The Hunt*. Nela, o time do naturalista Huw Corney eleva em mais um patamar a excelência das imagens, ao documentar animais caçando com agilidade nunca vista. Mas o que faz a força dos documentários da BBC, lembra Huw, é um elemento que independe da tecnologia ou da ciência: as boas histórias. "Em *The Hunt*, queremos ir além dos clichês e mostrar que predadores também sofrem e são falhos", diz ele. Na natureza, enfim, não faltam drama, suspense, comédia. Para triunfar no livre mercado dos documentários, basta liberar o espírito animal. ■

PARA COMEMORAR,
TODA A LINHA COM

TAXA ZERO
EM 24X

/ Blogs e Colunistas



Fernanda Furquim
Nova Temporada

Jornalista especializada em séries traz informações, comentários e curiosidades sobre a produção de seriados de todas as épocas.

Assine o Feed RSS | Saiba o que é

BUSCAR NO BLOG



06/11/2014 às 17:58 | [Convenções](#), [Séries Anos 2010-2019](#), [Séries Bélgica](#), [Séries Dinamarca](#), [Séries França](#), [Séries Israel](#), [Séries Suécia](#)

Festival Telas oferece séries inéditas para o público brasileiro



'The Molanders'

Os fãs de séries que gostam de fugir da abordagem tipicamente americana terão a oportunidade de conhecer alguns dos trabalhos que estão sendo feitos em outros países. A primeira edição do **Telas – Festival Internacional de Televisão de São Paulo** traz em sua programação nove séries inéditas no Brasil.

Entre elas, a minissérie **The Molanders/Molanders**, que terá os dois primeiros episódios apresentados no Festival. Trata-se de uma dramédia sueca que teve treze episódios exibidos em seu país em 2013. Na história, Olaf (**Eric Ericson**), um regente de orquestra, e Fanny Molander (**Livia Millhagen**), uma médica, formam um casal que vive na agitada Estocolmo. Quando Fanny sofre um colapso nervoso, eles decidem se mudar para o interior com os filhos adolescentes, em busca de uma vida mais tranquila. No entanto, cada um começa a se sentir atraído por outras pessoas, o que complica ainda mais a relação dos dois. Os episódios serão exibidos no MIS de São Paulo no dia 7 de novembro das 19h às 21h.



'Trois Fois Manon'

Os dois primeiros episódios de **Manon/Trois Fois Manon**, minissérie em três episódios exibida pelo canal Arte da França, serão apresentados no dia 9 de novembro, às 19h, também no MIS. Na história, após tentar matar sua mãe, Manon (**Alba Gaia Bellugi**), uma adolescente de quinze anos, é enviada ao reformatório onde terá que aprender a lidar com o novo ambiente em que vive.

No dia 10 de novembro, às 17h, também no MIS, teremos os dois primeiros episódios da belga **Cordon**, série que tem dez episódios produzidos para sua primeira temporada, exibida este ano em seu país. Informações sobre o enredo e trailer [aqui](#).



'De Ridder'

Também da Bélgica, **De Ridder** terá os dois primeiros episódios exibidos no dia 10, às 21h, no MIS. Com vinte e seis episódios produzidos para duas temporadas, a série estreou na Bélgica em 2013. A história acompanha a vida da promotora pública Helena de Ridder (**Clara Cleymans**) que, semana a semana, luta para cumprir a lei, embora muitas vezes isto signifique que a justiça não prevalecerá.

Outra série belga que faz parte da programação do Festival é **Homegrow/Eigen Kweek**, que terá os dois primeiros episódios exibidos no dia 11 de novembro, às 18h, no Centro da Cultura Judaica. Esta é uma série que teve cinco episódios produzidos para sua primeira temporada, exibida em seu país em 2013. A dramédia acompanha os altos e baixos da família Welvaert, plantadores de batata que, passando por dificuldades financeiras, encontram a solução de seus problemas quando trocam as batatas pela maconha. A série já foi renovada para sua segunda temporada, que estreia na Bélgica em 2015.



'Eigen Kweek'

No mesmo dia, o Centro Cultural São Paulo exibirá às 19h os dois primeiros episódios de **Shtisel**, série israelense que teve doze episódios produzidos. A história é uma comédia romântica que acompanha a vida de Shulem (**Doval'e Glickman**), um viúvo que mora com o filho Akiva (**Michael Aloni**) em um bairro ortodoxo de Jerusalém. Tendo educado seus filhos rigorosamente dentro das tradições judaicas, Shulem se surpreende ao ver que Akiva se apaixonou por uma viúva, mãe de uma criança, e a filha, abandonada pelo marido, voltou para casa trazendo com ela suas crianças. A tentativa de Shulem de compreender as situações vividas pelos filhos o faz questionar suas crenças e seu estilo de vida.

O mesmo tema, mas seguindo o caminho inverso, é tratado na série **Mekimi**, produção israelense de 2013, que terá os dois primeiros episódios exibidos no Sesc Consolação, também no dia 11 de novembro, às 20h. Na história, Alma, uma jovem celebridade, se envolve com Ben, um estudante anarquista de cinema. Juntos, eles embarcam em uma jornada espiritual que os leva a conhecer o estilo de vida religioso e ultra-ortodoxo.

No dia 13, às 15h, no Cine Olido, o Festival apresenta os dois primeiros episódios de **The Legacy/Arvingerne**, série dinamarquesa que estreia no Reino Unido no dia 26 de novembro. Na história, com a morte da artista Veronika Grønnegårds, seus filhos herdam seus bens. Espalhados pelo mundo, eles se reencontram pela primeira vez para a leitura do testamento. Mas o que parecia ser algo simples e corriqueiro se torna o início de uma jornada na qual segredos e mentiras são reveladas.